

Artigo / Article

Gêneros discursivos e/como vida: coexistências e responsabilidades

Speech genres and/as life: coexistence and responsibility

Marco Antonio Villarta-Neder 

Universidade Federal de Lavras, Brasil

villarta.marco@ufla.br

<https://orcid.org/0000-0003-3857-3720>

Recebido em: 30/06/2024 | Aprovado em: 20/11/2024

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir os gêneros discursivos como responsabilidade ética e social de acesso (ou interdição) ao conhecimento de (partes do) mundo, já que esses tipos de enunciado não podem ser pensados fora das esferas (ou campos) de atividade humana em que os sujeitos coexistem e mutuamente se constituem. Objetiva-se, especialmente, apontar aspectos dessa relação língua(gem) e vida no âmbito educacional. Para isso, parte-se das noções de gêneros discursivos, consciência, enunciado e ato responsável, conceitos caros ao campo de estudos bakhtinianos a partir de autores como Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev e Valentin Volóchinov. Buscou-se apontar a importância dos gêneros discursivos como elemento constitutivo dos sentidos dos sujeitos e do mundo.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin • Gêneros Discursivos • Consciência • Educação

Abstract

The aim of this article is to discuss speech genres as an ethical and social responsibility in enabling (or restricting) access to knowledge about (parts of) the world, since these forms of enunciation cannot be conceived apart from the spheres (or fields) of human activity in which subjects coexist and mutually constitute one another. More specifically, the article seeks to highlight aspects of the relationship between language and life within the educational sphere. To this end, the discussion is grounded in the notions of speech genres, consciousness, utterance, and the responsible act – key concepts in Bakhtinian

studies – drawing on the works of Mikhail Bakhtin, Pavel Medvedev, and Valentin Voloshinov. The article aims to emphasize the importance of discursive genres as a constitutive element in the production of meaning by subjects and of the world.

Keywords: Bakhtin Circle • Speech Genres • Consciousness • Education

Introdução

Este artigo representa a conferência apresentada na IV Jornada Internacional do GP Diálogo (USP-CNPQ) em 08 de dezembro de 2023. Naquele momento e neste artigo t(iv)emos como objetivo discutir os gêneros discursivos como responsabilidade ética e social de acesso (ou interdição) ao conhecimento de (partes do) mundo, já que esses tipos de enunciado não podem ser pensados fora das esferas (ou campos) de atividade humana em que os sujeitos coexistem e mutuamente se constituem. Nesse âmbito, objetiva-se, também, apontar alguns aspectos de como essa inescapável relação entre língua(gem) e vida, envolve a dimensão da coexistência no ambiente educacional.

Inicialmente, gostaríamos de destacar que essa visão processual, sociopolítica não é novidade. Ainda que de maneira pontual, um primórdio dessa visão já se encontra nas discussões iniciais de Aristóteles na Arte Retórica (*techné rhetoriché - ΤΕΧΝΗ ΡΗΤΟΡΙΚΗ*¹).

Nesta obra, Aristóteles inicia pontuando que a Retórica possui analogia com a Dialética, pois “ambas tratam de questões que de algum modo são da competência comum de todos os homens” (p. 29). Continua o estagirita: “Todos os homens participam, até certo ponto, de uma e de outra; todos se empenham dentro de certos limites em submeter a exame ou defender uma tese, em apresentar uma defesa ou uma acusação” (Aristóteles, s.d., p.29).

Portanto, é dentro da convivência diária nas questões da Pólis (ΠΟΛΙΣ) que o discurso (uma das traduções possíveis para λόγος [ΛΟΓΟΣ] em obras aristotélicas) se constrói como processo persuasivo, como dizer articulado que tem função de afirmação ou de negação².

Trazemos essa questão, em caráter introdutório, para dar o tom de nossa discussão. Desde as primeiras formulações da filosofia da Antiguidade Grega, mais explicitamente a partir de Aristóteles, já se concebe essa palavra passível – na visão helênica – de reenviar a uma acurada percepção do mundo como inevitavelmente circulando e (se) construindo (n)a πόλις.

Mesmo quando discute a proposição (apófansis - ΑΠΟΦΑΣΙΣ), declaração estruturalmente definida, esta não escapa aos propósitos do que se vive junto e que, exatamente por essa razão, por esse viver junto, constitui o *substrato*, o *sujeito* (to hypokeímenon -

¹ Opta-se neste texto por grafar os termos em grego com todas as letras maiúsculas, já que era a configuração da escrita grega à época da escrita dos textos aristotélicos.

² Trazemos a questão da atribuição de afirmação ou de negação como uma das instâncias organizativas do que veio a se chamar posteriormente de *valor de verdade da proposição lógica*.

TO YΠOKEIMENON), na acepção do uma “uma certa realidade acerca da qual se pode dizer algo” (Ferrater Mora, 1994).

Portanto, podemos dizer que, mesmo as unidades formais da língua e do discurso são impensáveis, desde o contexto filosófico aristotélico, sem se considerar o movimento de imersão nas práticas cotidianas de relações sociais, políticas e culturais entre os cidadãos.

Essa visão ressurge, renovada, em um grande salto histórico, nos trabalhos de autores do(s) Círculo(s) de Vítebsk, Niével e Leningrado, notadamente Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev e Valentín Volóchinov. Gêneros do discurso são, na visão desses pensadores russos, construções intersubjetivas, produzidas pelos/nos/para os mais diversos campos ou esferas de atividade humana. Bakhtin (2011[1979]), frisa serem os gêneros discursivos “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Isso implica considerá-los, enquanto enunciados, como um circuito, uma tessitura de réplicas retrospectivas e prospectivas constantemente (re)construídos por sujeitos constituídos histórica, política, ideológica, cultural e antropologicamente. Podemos encontrar em Medviédev um enfoque ainda mais agudo, ao dizer que “cada gênero possui seus recursos e modos de ver e conceber a realidade, só acessíveis a ele” (Medviédev, 2013[1928], p. 198).

Entendemos que esse enfoque de Medviédev aponta uma questão crucial: a de que é por meio dessa convivência/coexistência dos sujeitos ao participarem dos gêneros (em seus campos/em suas esferas de atividade humana – diria Bakhtin) que permitem *conceber* a realidade. Destacamos duas acepções desta palavra: a de *gestar*, e a de *construir*.

Axiomaticamente, portanto, somos colocados diante da implicação de que a vivência dos/nos campos de atividade humana por meio dos/com os gêneros do discurso é, fundamentalmente, um conjunto de maneiras de se acessar e de se construir as *representações* da realidade histórico-social.

Vamos nos deter um pouco nessa questão. O termo *representação* designa conceitos bastante diversos em cada tradição filosófica. Aristóteles (2013), em seu livro *Da Interpretação* (Peri Hermeneias - ΠΕΡΙ ΕΡΜΗΝΕΙΑΣ) instaura uma tradição ao dizer que “O nome é um som articulado e significativo, conforme convenção [...]” (p. 3) e explica adiante: “A expressão ‘conforme convenção’ quer dizer que nada por natureza pertence aos nomes, mas vem pertencer quando se torna símbolo [...]” (p. 5).

Maria Helena de Moura Neves elucida essa dimensão simbólica:

Entre conceito, palavra e objeto há sempre correspondência, mas não necessariamente congruência; a expressão linguística revela a relação conceitual e, por meio dela, revela a coisa, mas entre a coisas e o nome não há relação de semelhança. A relação que existe vem explicitada no *Da Interpretação* (16a 3), onde se diz que o que está nos sons emitidos pela voz é símbolo dos estados da alma (pathémata tês psychê). [...] é uma relação simbólica, não-natural. A relação entre a linguagem e as coisas é mediata, porque passa pelos estados de alma” (Neves, 1981, p. 59).

Essa formulação aristotélica institui uma tradição de não-convencionalidade na relação entre símbolo e as coisas do mundo. Essas impressões (da/na) alma (pathémata [ΠΑΘΕΜΑΤΑ]) não são a *coisa em si*, mas uma relação entre a alma e a coisa.

Embora o próprio conjunto da obra aristotélica não tenha levado esse conceito às últimas consequências, essa noção acabou se avolumando nas teorias de linguagem que prevaleceram nos domínios dos estudos linguísticos e da filosofia da linguagem a partir do século XVIII, ainda com mais força no século XX.

Em russo o termo mais costumeiramente traduzido por *representação* é *izobrajênie*³⁴ (изображение). Vem da palavra russa obraz (образ) – imagem. O prefixo iz- indica procedência, o que, junto com a substantivação processual, dá a ideia de representação; em alguns casos, *emolduramento*. Claro que não há como se ter uma representação ou um emolduramento de algo, sem que seja um ato do sujeito.

Como, para Bakhtin, não importa discutir (e viver) apenas o conhecimento enquanto ato teórico, incorpora-se a essa construção/vivência do sujeito, a *responsabilidade*. Diz Bakhtin:

Compreender um objeto é compreender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo no Ser-evento único, e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo. É apenas de dentro da minha participação que o Ser pode ser compreendido como um evento, mas esse momento de participação única não existe dentro do conteúdo, visto em abstração do ato como ação responsável (Bakhtin, 1993 [1986], p. 35).

É desta perspectiva que buscaremos discutir algumas questões sobre os gêneros discursivos. Se nos gêneros discursivos é que tipos de enunciados circulam em campos ou esferas de atividade humana, é nessa coexistência/convivência que se dá esse processo simbólico de *representação*.

Coloca-se, então, um problema axiológico premente de discussão: se são os gêneros a condição de concebermos e construirmos a representação de nós, dos outros e do mundo, em cada condição sociocultural, econômica e política, há acessos e interdições, definidos pelas próprias fronteiras entre essas instâncias e as demais na (con)vivência social.

No caso deste artigo, interessa-nos discutir especificamente essa condição da instância escolar. Diferentemente das demais, a escola, pela própria definição jurídico-organizacional institui-se (ou deveria instituir-se) como espaço de construção de uma visão ampliada do mundo, da construção da cidadania e da preparação para o mundo do trabalho, como se pode, por exemplo, verificar no artigo 205 da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade,

³ Ponzio (2019) traduz como *afiguração*.

⁴ Adotam-se, neste artigo, os critérios de transliteração do alfabeto cirílico para o alfabeto latino utilizados pelo jornal Folha de São Paulo (2005), acrescido de um critério próprio na transliteração de “ы” para “y”.

visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, p. 173).

Apoiando-se nessa premissa, podemos entender que os gêneros discursivos que circulam no âmbito da escola têm a possibilidade de serem determinantes de quanto, de como e de que maneira os sujeitos que aí convivem/coexistem constroem as representações de si, dos outros e do mundo – conjunto tríplice que podemos entender, da nossa perspectiva, como *realidade*. Não somente os gêneros que são vividos na escola, mas, principalmente, o trabalho com gêneros do discurso em sala de aula impacta no acesso a meios de participação política e social.

É nosso objetivo, nesta discussão, por meio dos conceitos bakhtinianos de *gêneros do discurso*, *enunciado*, *ato responsável* e *heterodiscurso* apontar essas implicações, de como a compreensão e o fazer na escola pode impactar em espaços de exclusão/inclusão na representação de si, do outro e do mundo. O diálogo que propomos ensinar aqui é entre as questões valorativas e epistemológicas do campo bakhtiniano e do ensino, principalmente, no que se refere ao trabalho escolar com os gêneros do discurso.

2 Encadeando

Bakhtin abre seu texto *Gêneros do Discurso* (2022 [1979]) definindo os gêneros e estabelecendo-os a partir do conceito de *enunciado*. Como sempre vale a pena lembrar, em primeiro lugar, *vyskazyvanie* é, a um só tempo, processo e produto. Em segundo lugar, é no dinâmico funcionamento dos campos de atividade humana que são produzidos esses enunciados, que, sendo constitutivamente concretos e únicos, se encadeiam como réplicas.

Importante destacar que as réplicas não são entidades que pairam na abstração de sistemas nos quais os sujeitos sejam acessórios, ornamentos, ou meros realizadores de um moto contínuo de uma super-engrenagem do mundo. São os sujeitos na concretude ética, responsável e responsiva, que se interrogam uns aos outros, que expressam perplexidades, que coexistem na materialidade de seus mútuos atos cotidianos, construindo percepções de si, do outro e do mundo. Assim, valoriza-se o que Bakhtin já assinala logo no início do seu texto, que esses tipos relativamente estáveis de enunciados que compõem os gêneros do discurso

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (Bakhtin, 2022 [1979], p. 11-12).

Continua Bakhtin: “Todos esses três elementos — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (Bakhtin, 2022 [1979], p. 11-12). Tal especificidade remete-nos a essa dimensão dialética e dialógica de que, enquanto sujeitos, somos constituídos em uma dupla condição: a de que, por

um lado, nosso acabamento e nossa inteireza (polnotá - *полнота*), ainda que provisórios e representacionais, são construídos a partir de lugares (dos) outros, e, por outro lado, ocupamos um lugar único e singular na (co)existência, em cada acontecimento concreto da vida, que finaliza, como emolduramento (okontchánie - *окончание*⁵), como delimitação de cada momento e de cada espaço que ocupamos.

E levando-se em conta que gêneros são *enunciados*, tipos de enunciados relativamente estáveis, cabe entendermos que a estrutura triádica dos gêneros do discurso é, igualmente, dos enunciados. Mais ainda, no que importa de maneira crucial para a discussão que buscamos empreender aqui: que os gêneros do discurso se constituem nas/como as réplicas que produzimos nos acontecimentos concretos que nos congregam nos campos de atividade humana.

Paulo Bezerra, em seu posfácio da tradução revisada de *Os gêneros do discurso*, discute essa marca da concepção bakhtiniana dos gêneros quando diz que eles

[...] se constituem num sistema de comunicação, no qual nossa fala transborda e se funde em formas definidas de gêneros que nos são dados praticamente da mesma maneira como nos é dada nossa língua materna. Logo, como já nascemos num mundo povoado pelas palavras (enunciados) do outro, nossos primeiros contatos com a língua materna já se dão na forma de enunciados ou gêneros do discurso [...] No processo de comunicação, tais enunciados se direcionam a outros falantes, são dotados de integridade e acabamento, contatam imediatamente com a realidade do próprio falante e dos outros participantes da comunicação discursiva, têm pleno valor semântico e forma de gênero que se reproduzem em sua tipicidade” (Bezerra, 2022, p. 160).

E se é nos gêneros do discurso que nossos enunciados se fundem, se mesclam (para usar uma metáfora gastronômica, como em um bolo mesclado), em que as áreas de distinção e de indistinção de fronteiras são igualmente constitutivas. Dizendo mais especificamente sobre enunciado, prosseguimos no raciocínio de Paulo Bezerra, entendendo-o como um *continuum da comunicação e da cultura* (Bezerra, 2022, p. 161).

Bakhtin, ao tratar dos textos nas artes, (mas podemos entender, na esteira de Arte e Responsabilidade (2020, 2019 [1919]), que essa possibilidade é mutuamente intercambiável na vida e na ciência), apresenta – a nosso ver – uma maneira de descrever esse continuum. Diz Bakhtin que, na verdade, “São pensamentos sobre pensamentos, vivência das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos” (Bakhtin, 2011 [1979], p. 307). É interessante pontuar que “vivências” traduz a palavra russa *переживание* — *perejivánie* – que podemos entender não somente como vivência, “mas como uma *vivência que se apresenta (a nós)*, uma *vivência sobre a qual nos debruçamos*” (Custódio & Villarta-Neder, 2024), concepção que não é acidental na discussão bakhtiniana. Dilthey, ao tratar da vivência, a conceitua como modo de a realidade existir para um sujeito. Destaca não ser a vivência algo dado e que, na verdade,

⁵ Vem da palavra okno (*окно*), janela.

somos nós que penetramos no interior dela, que de maneira imediata a possuímos. O filósofo alemão diz até que a vivência e nós somos a mesma coisa (Ferrater Mora, 2001, p. 3035).

Se somos o que vivemos e a maneira como nos debruçamos sobre essa vivência, o fazemos com outro, pelo outro, para o outro. Somos, sempre, resposta do outro e para o outro, assim como o outro se constitui das/nas/pelas nossas réplicas. É esse mundo construído na responsividade/responsabilidade que decorre da vivência dos gêneros e também a provoca, recriando sempre. Sem álibi.

3 Gêneros do discurso, vida e ensino

Deixamos propositadamente a discussão sobre heterodiscurso já para abordar especificamente a questão do trabalho com gêneros do discurso no contexto escolar. Uma questão extensamente discutida sobre a tradição hegemônica no tratamento escolar em relação à língua(gem) é a de uma reflexão ausente ou incipiente e de se tratar a língua como um *objeto*, no sentido positivista do termo, com toda a valoração decorrente desse ato.

Antes de trazer o conceito de heterodiscurso, vamos buscar na discussão feita por Paulo Bezerra, ao relatar a polemização que Bakhtin estabelece com Vinogradov, uma contextualização oportuna. Paulo Bezerra aponta que, para Bakhtin

[...] não existe língua única senão ‘como um sistema gramatical abstrato de formas normativas’, que passa ao largo das ‘assimilações ideológicas concretas que a preenchem e da contínua formação histórica da língua viva’. É essa língua viva que move a ‘língua nacional’, faz dela um organismo dinâmico e abrangente que agasalha os diferentes modos de ser da própria língua através das múltiplas vozes que a povoam” (Bezerra, 2022, p. 156).

Paulo Bezerra continua, apontando a concepção bakhtiniana de língua como um *continuum heterodiscursivo*, apoiando-se no próprio Bakhtin, quando o pensador russo conceitua *heterodiscurso*:

A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneiras de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas (Bakhtin, 2014 [1975], p. 29-30).

Tal concepção nos permite ousar e brincar com o próprio termo. Raznoriêch, traduzido como heterodiscurso, designa esses discursos vários, mas podemos entender também que pode designar uma discursividade sobre a diversidade de sentidos, de culturas, de vivências nos mais *diversos* campos de atividade humana. E já que os gêneros do discurso renascem constantemente dessas práticas vividas concretamente nesses campos, e já que também fazem esses campos se resignificarem continuamente, essa diversidade é crucial para a existência, produção, circulação e recepção dos gêneros do discurso.

Mencionamos há pouco a importância que Medviédev confere aos gêneros do discurso como construtores da realidade vivida pelos sujeitos. Gostaríamos de retomar a citação em um contexto mais ampliado. Para Medviédev

Se abordarmos o gênero do ponto de vista da sua relação interna e temática com a realidade e sua formação, então, podemos dizer que cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade, que são acessíveis somente a ele. [...] Cada um dos gêneros efetivamente essenciais é um complexo sistema de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade (Medviédev, 2013 [1928], p. 198).

E, enfim, Medviédev aponta a inter-relação da singularidade do sujeito no acontecimento concreto com a dimensão sociocultural, histórica, ideológica:

Mas o próprio sentido da palavra-enunciado passa a fazer parte da história por meio do ato individual de sua realização e torna-se um fenômeno histórico. Pois o fato de que foi esse sentido que se tornou um objeto de discussão aqui e agora, que é dele que estão falando e que falam justamente assim e não de outra forma, que precisamente esse sentido entrou no horizonte concreto dos que falam, tudo isso é inteiramente determinado pelo conjunto das condições histórico-sociais e pela situação concreta desse enunciado individual (Medviédev, 2019 [1928], p. 184).

Podemos realçar essas questões apontadas por Medviédev destacando que, ao falar algo ou ouvir algo de outro sujeito, cada um está, nos elos da corrente da coexistência no campo/na esfera de atividade humana, praticando *atos*, tomando *atitudes*⁶ que redefinem constantemente a própria posição de si e do outro, a própria condição de (in)comunicabilidade e de participação e compartilhamento perante os outros.

4 Emolduramentos provisórios

Então, retomamos a velha questão: que línguas habitam o espaço e o tempo das salas de aula? Bakhtin, em *Arte e Responsabilidade*, nos diz, a partir do frescor intenso dos seus 24 anos, que “A pessoa deve tornar-se totalmente responsável: todos os momentos dela não devem ser somente colocados lado a lado no tempo de sua vida, mas penetrar um no outro na unidade da culpa e da responsabilidade” (Bakhtin, 2011 [1979]). Consideremos que isso também deva ser dito a respeito das instituições. No caso, sobre o *como* e o *porquê*, como tantas outras questões, do trabalho com os gêneros do discurso se configura como tal.

Pode nos ajudar a discutir isso o próprio Mikhail Bakhtin, em seu texto *Teoria do Romance*:

O ensino de disciplinas verbais conhece duas modalidades básicas escolares da transmissão que assimila o de outrem (do texto, das regras, dos exemplos): “de cor” e “com suas próprias palavras”. Esta última modalidade coloca em pequena escala um problema puramente estilístico para a prosa literária: relatar um texto

⁶ Uma das traduções possíveis para *postupok* (*nocmynok*) em russo corrente.

com nossas próprias palavras é, até um certo ponto, fazer um relato bivocal das palavras de outrem; pois as "nossas palavras" não devem dissolver completamente a originalidade das palavras alheias, o relato com nossas próprias palavras deve trazer um caráter misto, reproduzir nos lugares necessários o estilo e as expressões do texto transmitido. Esta segunda modalidade de transmissão escolar da palavra de outrem "com nossas próprias palavras" inclui toda uma série de variantes da transmissão que assimila a palavra de outrem em relação ao caráter do texto assimilado e dos objetivos pedagógicos de sua compreensão e apreciação. O objetivo da assimilação da palavra de outrem adquire um sentido ainda mais profundo e mais importante no processo de formação ideológica do homem, no sentido exato do termo. Aqui, a palavra de outrem se apresenta não mais na qualidade de informações, indicações, regras, modelos, etc., - ela procura definir as próprias bases de nossa atitude ideológica em relação ao mundo e de nosso comportamento, ela surge aqui como a palavra autoritária e como a palavra interiormente persuasiva (Bakhtin, 2014 [1975], p. 142).

Se pensarmos nas práticas escolares usualmente ocorrentes nos acontecimentos em que se lida com gêneros, essas observações de Bakhtin pintam um retrato, um século depois, em outro país, que é o Brasil, um quadro muito próximo. As vivências de outros sujeitos (e até mesmo as próprias de cada sujeito) transformam-se em listas classificatórias, tabelas, esquemas que, ao reduzirem a vivência pulsante das relações culturais, antropológicas, sociais, históricas e ideológicas dos/entre os sujeitos, objetifica-os. Ao fazer isso, dificulta a condição de os estudantes lidarem com as palavras do outro no âmbito dessa bivocalidade.

Contradição interessante que ocorre... combate-se o plágio, frisando-se o respeito à obra alheia, mas esse respeito parece circunscrito a questões que podem implicar aspectos jurídico-financeiros. Um pleno respeito a obras alheias, a palavras alheias é vivenciá-las nas próprias esferas de atividade humana de que cada sujeito participa. É serem esses sujeitos capazes de dizer, de recitar a palavra alheia, ao mesmo tempo, ecoando-a como *alheia* (portanto, *estranha*, invasora até) na singularidade da vivência concreta, como enunciados concretos que se respondem, se replicam nos atos (atitudes – postupok) de fala e de escuta. Essa necessária bivocalidade é ideológica, política. No sentido de que a palavra, como bem aponta Bakhtin

[...] existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva, mas essa expressão, reiteramos, não pertence à própria palavra, ela nasce no ponto de contato da palavra com a realidade concreta do enunciado individual. Neste caso, a palavra atua como expressão de certa posição valorativa do homem individual (de alguém dotado de autoridade, do escritor, do cientista, pai, mãe, amigo, mestre etc.) como abreviatura do enunciado (Bakhtin, 2011 [1979], p. 294).

Observe-se que Bakhtin menciona aqui a *autoridade* do escritor, do cientista, do pai, da mãe, do amigo etc. Autoridade não autoritária, já que essa posição valorativa e singular se dá, tanto para o falante quanto para o ouvinte, tanto para o autor quanto para o leitor, no encadeamento da bivocalidade.

Bakhtin, continuando a discussão sobre a relação entre ensino e/da linguagem, aprofunda a questão da palavra autoritária. Diz ele:

A palavra autoritária exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito; nós já a encontramos unida à autoridade. A palavra autoritária, numa zona mais remota, é organicamente ligada ao passado hierárquico. É, por assim dizer, a palavra dos pais. Ela já foi *reconhecida* no passado. É uma palavra *encontrada de antemão*. Não é preciso selecioná-la entre outras equivalentes. Ela ressoa numa alta esfera, e não na esfera do contato familiar. Sua linguagem é uma linguagem especial (por assim dizer, hierática). Ela pode tornar-se objeto de profanação. Aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão (Bakhtin, 2011[1979], p. 294).

Há aqui implicações importantes. “O nome que não se pode tomar em vão”. O nome ao qual se nega a possibilidade de ser entoado por outro sujeito e, portanto, de entrar na vivência que constitui os gêneros e, por meio deles, o horizonte de conhecimento do mundo/sobre o mundo.

Essa dimensão hierática da palavra a ser repetida (como avesso da palavra que não pode ser dita), em uma perspectiva de efetivo contato com a sacralidade de sua vivência pode, inclusive, ser um ato sacrílego. Cotidianamente, nas salas de aula de ensino-aprendizagem de língua materna, vemos as palavras de autores cujas palavras são repelidas e odiadas. Machado de Assis é um exemplo típico. A obra machadiana é recebida com uma escrita quase alienígena, sem ter o que dizer às gerações que passam pelos bancos escolares.

Bakhtin faz discussão semelhante em *Questões de Estilística no ensino da língua*. (2019 [anos 1940]). Nesse único texto de Mikhail Bakhtin como professor, o autor russo pergunta-se por que os estudantes, mesmo depois de ter estudado autores canônicos da literatura russa como Puchkin e Gógol, não sabe lidar com orações subordinadas com ou sem conjunção, e aponta a questão do *tom*, da valoração singular que cada sujeito dá aos enunciados de que participa nos acontecimentos vivenciados com/para os outros. Ainda que com esse recorte de recurso linguístico específico da língua, o que Bakhtin diz coaduna-se com a discussão que vimos fazendo até aqui:

Quando esses períodos são introduzidos na produção escrita dos alunos, eles passam a influenciar também outras formas desse discurso e até todo o seu estilo; a partir dessas formas inicia-se o processo de dissolução de lugares comuns livrescos impessoais e a entonação individual do autor passa a transparecer em tudo. Resta ao professor ajudar nesse processo de nascimento da individualidade linguística do aluno por meio de uma orientação flexível e cuidadosa (Bakhtin, 2019 [anos 1940], p. 43).

Podemos, assim, retomando o que apontamos via Medviédev, que interditar – em nome dessa palavra autoritária, a ser repetida e decorada - os gêneros discursivos da vivência dos estudantes que pertencem a classes sociais e a grupos identitários diferentes daqueles valorizados e aceitos pela escola é, também, interditar a consciência de partes do mundo/sobre o mundo. Volóchinov diz, sobre a consciência, que

A questão é que qualquer ato de consciência mais ou menos preciso não ocorre sem o discurso interior, sem as palavras e sem a entonação (avaliações) e, consequentemente, já é um ato social, ou seja, um ato de comunicação. Mesmo a autoconsciência mais íntima já é uma tentativa de traduzir-se a si mesmo em uma língua comum, de considerar o ponto de vista do outro e, por conseguinte, ela inclui em si a orientação para um possível ouvinte. [...] Nessa relação, a consciência, uma vez que não abstraímos do seu conteúdo, já não é somente um fenômeno psicológico, mas acima de tudo ideológico, ou seja, um produto da comunicação social. Esse coparticipante permanente de todos os atos da nossa consciência não só determina o seu conteúdo, mas também, isto é, a escolha justamente daquilo que é concebido por nós; portanto, determina também aquelas avaliações que impregnam a consciência e que a psicologia costuma chamar de “tom emocional” da consciência” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 143).

O encadeamento social do enunciado (e lembremo-nos que gêneros são tipos de enunciados) pressupõe esses atos sociais. Esse truísmo não seria necessário de ser reafirmado se não houvesse um esvaziamento ideológico e cultural dessa dimensão social, quando se trata de segmentos sociais mais distantes dos grupos que detêm mais poder na sociedade: poder econômico, político e simbólico.

E se esse apontamento pode parecer exagerado, inflamado, panfletário ou caricato, gostaríamos de retomar um trecho célebre – e na nossa visão – problemático, de um dos fundamentos de uma Arte Magna, a Didática, nas palavras de Comênio:

Serão hábeis para ensinar, mesmo aqueles a quem a natureza não dotou de muita habilidade para ensinar, pois a missão de cada um não é tanto tirar da própria mente o que deve ensinar, como sobretudo comunicar e infundir na juventude uma erudição já preparada e com instrumentos já preparados, colocados nas suas mãos. Com efeito, assim como qualquer organista executa qualquer sinfonia, olhando para a partitura, a qual talvez ele não fosse capaz de compor, nem de executar de cor só com a voz ou com o órgão, assim também porque é que não há-de o professor ensinar na escola todas as coisas, se tudo aquilo que deverá ensinar e, bem assim, os modos como há-de ensinar, o tem escrito como que em partituras? (Comênio, 1976 [1649], p. 457).

Na nossa visão, o trabalho fragmentado e asséptico para com o conhecimento vivo, concreto, tal como no caso – e especialmente no caso dos gêneros discursivos – é mais um dos meios de se (re)produzir a alienação dos sujeitos, de lhes cercearem a possibilidade de construção da consciência – esse tenso território social –, de si mesmos, dos outros, do mundo, das classes e dos embates que configuram as representações dessa tríade constitutiva das palavras e(nquanto) atos.

Bakhtin aponta uma tríade constitutiva dos gêneros discursivos: plano composicional, conteúdo temático e estilo. Vale a pena também considerar o que Volóchinov diz sobre estilo em um trecho imediatamente anterior ao da citação anterior do pensador russo:

“O estilo é o homem”, mas podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é um participante constante do discurso interior e exterior do homem (Volóchinov, 2019 [1926], p. 143).

Sem o estilo, não há circulação, nem compreensão dos gêneros discursivos. E participar dessa circulação e dessa compreensão pressupõe assumir a bivocalidade de falante e de ouvinte, tanto nas posições de falante (sendo também ouvinte) quanto na de ouvinte (fazendo sua voz compreendente dar as mãos para a palavra que lhe é dirigida).

Inconclusões e incompletudes

Este artigo teve como objetivo discutir como os gêneros discursivos implicam responsabilidade ética e social de acesso (ou interdição) ao conhecimento de (partes do) mundo. Mais especificamente, como esse acesso ou interdição são instaurados no âmbito escolar, na medida em que ou em que grau a escola considera (ou não) os gêneros discursivos que os alunos vivenciam nos campos/nas esferas de atividade humana de que participam em espaços socioculturais anteriores e exteriores à escola.

Os pressupostos dessa trajetória argumentativa aqui construída apoiaram-se em concepções que julgamos basilares do ponto de vista epistemológico e axiológico aos estudos do(s) Círculo(s) de Niével, Vitebsk e Leningrado, tradicionalmente designados simplificadamente pelo sintagma Círculo de Bakhtin.

Entendemos que a relevância dessa abordagem reside em apontar que a redução de um processo social, antropológico, histórico, cultural e ideológico ser reduzido a um mero esquema estrutural não é somente prejudicial à própria compreensão de um dado gênero discursivo ou do que representam os gêneros discursivos em geral. Pode ser um perigoso processo interditante da consciência e da singularidade constitutiva de cada sujeito, como, igualmente, da consciência e da responsabilidade ética das maneiras de coexistência social com outros sujeitos. Como bem aponta Medviédev, a situação concreta individual só pode ser concebida como determinada pelas condições histórico-sociais das quais esse sujeito singularizado participa, das quais *faz parte*, às quais *pertence* (destaques nossos).

A educação livresca denunciada por Bakhtin nas suas inquietações de professor, expressas em seu texto *Questões de Estilística e Ensino da Língua*, pode ser posta em diálogo com essa postulação de Medviédev. Não se trata de *apenas* os alunos não aprenderem. A concepção tecnicista/mecanicista que advém desde a Didática Magna não é a joia rara do rigor e da precisão científico-acadêmico-escolar. Tal como o jovem Bakhtin denuncia em seu primeiro texto (Arte e Responsabilidade), escrito em um almanaque de operários de indústrias têxteis, em 1919, que o poeta deve entender que sua poesia é culpada (e não somente responsável) pela prosa da vida como algo trivial, antiquado (o adjetivo *pochlói* [пошлой] pode também ser traduzido como *vulgar*, *obsceno*).

Considerar os gêneros discursivos nos seus acontecimentos concretos, na coexistência de sujeitos mutuamente responsáveis implica pensar, igualmente, no papel da educação como meio pelos quais esses sujeitos emolduram não só suas cosmovisões, mas como se conectam,

na tensão dos diálogos cotidianos, a outros sujeitos e à própria constituição de suas maneiras de participarem e de se sentirem partícipes do mundo. Há na corrente, no encadeamento sem fim do rio das práticas discursivas, sujeitos que se encontram e que tomam consciência de si e do outro, pelos olhos alheios. Se a escola não for capaz de ser o espaço alteritário que hospeda, abriga e acolhe essas cosmovisões e essas práticas do viver, é de se perguntar qual seu papel, sua responsabilidade e sua culpa.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- ARISTÓTELES. *Da interpretação*. Edição bilingue. Tradução e notas de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- BAKHTIN, M. M. *Gêneros do Discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2022 [1979].
- BAKHTIN, M. M. *Iskusstvo i Otvetstvennost (Arte e Responsabilidade)*. In BAKHTIN, M. M. *Estetika Slovesnovo Tvortchestva*. Moskva: Iskusstva, 1986 [1919]. Tradução para fins didáticos de Marco A. Villarta-Neder. 2020. Mimeo.
- BAKHTIN, M. M. *Questões de estilística no Ensino da Língua*. 2. ed. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [anos 1940].
- BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. 11. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1979].
- BAKHTIN, M. M. Arte e Responsabilidade. In BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. 11. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1979].
- BAKHTIN, M. M. *Questões de Literatura e Estética*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do Ato*. Trad. exclusiva para uso didático e acadêmico de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993 [1986].
- BEZERRA, Paulo. Posfácio. In BAKHTIN, M. M. *Gêneros do Discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2022 [1979].
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 01 jun. 2024.
- COMÊNIO, J. A. *Didáctica Magna*. 2. ed. Introdução, tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1976 [1649].
- CUSTÓDIO, S.; VILLARTA-NEDER, M. A. *Polifonia como acontecimento: uma análise bakhtiniana de vozes e consciências no pré-ensaio de orquestra*. São Paulo: Parábola, 2024.
- FERRATER MORA, J. *Dicionário de Filosofia*. Tomo IV. Tradução de Maria Stela Gonçalves Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001[1994].
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual da Redação*. São Paulo: Publifolha, 2005.

MEDVIÉDEV, P. N. *O Método formal nos estudos literários*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Contexto, 2013 [1928].

NEVES, M. H. de M. A teoria linguística em Aristóteles. *Alfa*, São Paulo, v. 25, p. 57-67, 1981.

PONZIO, Luciano. *Ícone e afiguração*. Bakhtin, Malevitch, Chagall. Tradução de Guido Alberto Bonomini, Cecília Maculan Adum e Vanessa della Peruta. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

VOLÓCHINOV, V. N. *Palavra na vida e palavra na poesia*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].